

A inteligência artificial e sua presença na vida cotidiana das pessoas

Myrt Thânia de Souza Cruz

Resumo

A inteligência artificial está presente no cotidiano das pessoas desde questões simples, como enviar uma mensagem para amigos e familiares, por meio de um aplicativo, curtir um *post* nas redes sociais, receber uma indicação de vídeo no YouTube, enviar ou receber um PIX, até questões mais recentes, como fazer uma consulta médica utilizando mecanismos de teleconsulta, participar de processos seletivos para empregos ou participar de uma audiência na Justiça. A aceleração do uso da IA na vida prática já vinha ocorrendo com rapidez, no entanto, com a pandemia da Covid-19, exponencializou-se, empurrando empresas e setor público para usos cada vez mais sofisticados e nas mais diferentes áreas, de modo que a IA está presente na vida das pessoas impactando os relacionamentos afetivo-amorosos, triando e escolhendo nossos parceiros; está transformando o modo como trabalhamos e consumimos produtos e serviços; nos atende com suas diversas funcionalidades da vida prática por meio dos *chatbots* e assistentes virtuais; tira dúvidas usando mecanismos de busca; nos ajuda no trajeto com aplicativos como o Waze; nos acompanha por meio dos diversos sistemas de vigilância espalhados pelas cidades etc. O presente artigo objetiva analisar como a IA está presente no cotidiano das pessoas nos diferentes aspectos da sua vida. Para tanto, foi realizado ensaio teórico reflexivo utilizando revisão bibliográfica e pesquisa com dados em setores especializados para

compreender o fenômeno em discussão. Conclui-se que os usos da IA tendem a crescer cada vez mais e se ampliar em diferentes áreas da vida prática, intensificando o relacionamento entre ser humano e máquina, o que requer pesquisas detalhadas para entender quais caminhos surgirão desse hibridismo que já se provou não se tratar da substituição de um pelo outro.

Abstract

Artificial intelligence is present in people's daily lives from simple activities such as sending a message to friends and family via an App, liking a post on social networks, receiving a video indication on YouTube, and making online transactions, to more complex things as having a doctor's appointment using teleconsultation mechanisms, online job interviews or attending a hearing in Court. The acceleration of the use of AI in practical life was already occurring rapidly, however, the Covid-19 pandemic has exponentialized it, pushing companies and the public sector to increasingly sophisticated uses in the most different areas, so that AI is present in people's lives impacting affective-love relationships by screening and choosing our partners, it is transforming the way we work and consume products and service, it is serving us with its various functionalities of practical life through chatbots and virtual assistants, it is answering daily questions through search engines, it is navigating us with GPS, and it also accompanies us through the various surveillance systems spread throughout cities. This article aims to analyze how different aspects of AI are present in our daily life. To this end, a reflective theoretical essay was conducted using literature review and research data in specialized sectors to understand the phenomenon under discussion. It is concluded that the uses of AI tend to grow more and more and to expand in different areas of life, therefore, intensifying the human-machine relationship which requires detailed research to understand which paths will emerge from this hybridism that has already been proven not to be about replacing the human being by the machine.

Introdução

A ideia de futuro nunca esteve tão no presente quanto agora. Conviver com as inspirações e tecnologias dignas de ficção científica já se tornou uma realidade comum para boa parte das pessoas. A inteligência artificial faz parte do cotidiano das pessoas por meio de formas inusitadas como aquela criada pela empresa Rassemble, que deu vida à voz do grande artista pop Andy Warhol na série da Netflix intitulada *The Andy Warhol Diaries*, em que bastaram 3 minutos e 12 segundos de áudios reais do artista para que a IA pudesse recriar sua voz e narrar seus diários para a série. A IA está no cotidiano em transações bancárias, nas comunicações do dia a dia, no modo como se acessa serviços de atendimento ao consumidor por meio de *chatbot*, para dúvidas e reclamações, passando pelas comodidades trazidas pelas famosas assistentes virtuais, como Siri, Cortana, Alexa, entre outras.

A interação entre ser humano e máquina vem produzindo ao longo da história recente uma série de implicações, desde o medo da substituição do humano pela máquina até o horror de robôs assassinos. Concretamente, segue o hibridismo próprio dos dias atuais como modo de interação que se expande a cada nova descoberta das funcionalidades e emprego da IA nos diferentes contextos. O teste de Turing como marco histórico da compreensão da inteligência de máquina estabeleceu que, a partir do momento em que os respondentes do estudo não conseguem mais distinguir entre respostas humanas e da máquina, o computador passa a ser inteligente, conforme esclarece Halberstam (1991). O teste de Turing traz consigo o embrião do que vinha a ser a exponencialidade dos usos cotidianos da IA, tendo em vista sua possibilidade de convencer o humano de que sua funcionalidade podia ser parecida ou quase idêntica à ação humana.

Não se trata mais de pensar se a IA irá substituir o ser humano ou se tirará seus empregos e destruirá o mundo. Esse pensamento outrora ultrapassado indica que o percurso para a compreensão de como a IA estará em nosso dia a dia diz muito dos comportamentos mimetizados

que nós humanos fazemos dela e como suas funcionalidades estão integradas nas práticas cotidianas.

Kai-Fu Lee, um dos maiores especialistas em inovação e usos da IA no cotidiano, *ex-head* da Google na China, vem nos alertando sobre o fato concreto de como a IA que já opera em nosso dia a dia nos influencia em todas as dimensões humanas, desde pagamentos bancários, comunicação, relacionamentos, até a nanotecnologia produzida em laboratórios de medicamentos e repórteres robôs que editam em segundos reportagens sobre os mais diversos temas. A Revolução da IA, segundo o autor, segue quatro ondas: IA de internet, IA de negócios, IA de percepção e IA autônoma. No momento já estamos vivendo as duas primeiras, com a Internet das Coisas (IoT) para nossas casas e carros autônomos, marcando nosso cotidiano desde as assistentes virtuais até os usos exponenciais da transformação digital que ocorre nas empresas. Hoje essa tecnologia atua remodelando o mundo digital e financeiro, intensificando o controle das atividades e substituindo consultores por algoritmos, negociando ações, diagnosticando doenças, escrevendo reportagens, analisando empréstimos, tomando decisões sobre ao que devemos assistir em um serviço de *streaming* ou escolhendo nosso próximo parceiro amoroso. O autor prossegue esclarecendo que a IA de percepção está digitalizando nosso mundo físico, aprendendo a reconhecer nossos rostos, entendendo nossos pedidos e “vendo” o mundo ao nosso redor. Esse tipo de IA, juntamente com a IA autônoma, irá nos impactar de forma profunda, não só com drones e carros autônomos, mas transformará tudo, desde a agricultura familiar aos modelos mais avançados de negócios, agora intensificados pelos diferentes usos no metaverso, por exemplo. Porém, não se trata de visão de futuro ou projeção. Enquanto este artigo está sendo escrito, *startups* de IA estão trabalhando incansavelmente para atingir tais patamares tanto na China, quanto em Cingapura, nos Estados Unidos, no Japão, na Coreia do Sul e em outros lugares (LEE, 2019).

O presente artigo tem como objetivo analisar as diversas formas como a IA está presente no cotidiano das pessoas, influenciando em seus relacionamentos, nas tarefas domésticas, no trabalho, no entrete-

nimento, nos serviços de saúde, na educação e na forma mais íntima de relacionamento afetivo-amoroso, sexual e, sobretudo, impactando no modo como o ser humano interage consigo mesmo, usando, por exemplo, aplicativos de meditação, autoconhecimento, autoajuda e autocuidado para a saúde mental. Utilizando como base a revisão sistemática da bibliografia especializada, o artigo pretende se caracterizar como ensaio teórico reflexivo para discutir os modos como a IA está presente na vida das pessoas, para tanto, também lança mão de conteúdos e pesquisas de sites especializados para ter acesso a informações e dados recentes.

A Inteligência Artificial e a miscelânea de funcionalidades e comodidades cotidianas: da performance de gênero das assistentes virtuais, chatbots e avatares aos usos no dia a dia

Uma das belezas da arte é o caráter inventivo e atemporal das suas criações. A possibilidade de antever o futuro como faz a ficção científica, rompendo as limitações impostas pela realidade, inspiram gerações, como o desenho animado *Os Jetsons*, povoado por robôs colaborativos e máquinas funcionais que tornavam as tarefas domésticas e do trabalho muito mais fáceis e rápidas, liberando seus personagens humanos para vivenciar sua vida de forma mais leve.

Com a pandemia da Covid-19, a IA exponencializou a oferta de serviços e possibilidades de seu emprego nas diferentes esferas da vida cotidiana. Tanto conglomerados de tecnologia no Vale do Silício quanto *startups* ao redor do mundo, sobretudo na China, impulsionaram suas descobertas e aplicabilidade, tornando-se acessíveis para o grande público. A percepção de que o futuro é agora é cada vez mais real, a partir do momento em que se toma conhecimento sobre uma aplicabilidade nova da IA, segundo dados da *Endeavor*, o uso de IA saltou de 32%, em 2018, para 48%, em 2020, na América Latina. De acordo com o *Artificial Intelligence Index Report 2021*, organizado pela Universidade de Stanford, no Human-Centered Artificial Intelligence em 2020, os in-

vestimentos globais em IA cresceram 4,5 vezes mais do que em 2019, aplicados em diversas áreas, sobretudo em medicamentos, sendo que agora é possível que a IA componha texto, áudio e imagens em um nível suficientemente de alto padrão que dificulta aos humanos estabelecer a diferença entre sintéticos e não sintéticos, de modo que sua funcionalidade e performance cada vez mais se aproximam da realidade empírica.

Costa (2019) realizou tese de doutorado aprofundando as interações humanas com os sistemas de IA sem termos necessariamente consciência, nomeadamente com *chatbots*, cuja ubiquidade passa muitas vezes despercebida. O autor estuda as implicações dessas interações sobretudo na composição do gênero, entendendo por que as IAs assistentes digitais – secretárias e outros serviços de cuidado – são pertencentes ao gênero feminino, reproduzindo assim estereótipos da nossa sociedade e alimentando vieses do programador, carregando preconceitos como racismo e machismo. Foi o que vimos, por exemplo, por meio da quantidade de assédio moral e sexual pela qual a IA do Banco Bradesco, denominada de Bia, sofreu assim que foi lançada.

O autor acima citado estabelece relações entre as primeiras incursões da IA por meio do experimento chamado Eliza, criado por Joseph Weizenbaum, em 1966, um programa de computador capaz de analisar *inputs* escritos de utilizadores, por meio de um conjunto de regras, responder em conformidade, estabelecendo um diálogo “humano” (COSTA, 2019, p. 49). Nesse sentido, o autor explora em perspectiva crítica esse desejo que o ser humano nutre de ter máquinas domesticáveis, dóceis, cuidadoras, de certo modo chegando ao limite da relação de escravidão. No entanto, o que se confirma em termos de realidade cotidiana é a dependência que se segue cada vez mais intensa do homem pela máquina, sobretudo nas tomadas de decisões, desde as mais simples, como a qual filme assistir, qual *fast food* pedir hoje, qual roupa comprar, até questões mais complexas, como quais pessoas serão beneficiadas num sistema de empréstimo ou sistema de escolha de bolsistas e beneficiários da previdência, até no sentido mais íntimo, sobre qual pessoa escolher para se relacionar.

Santos e Polianov (2021) mostram que uma outra categoria de assistente virtual presente na cultura digital são os avatares que auxiliam consumidores em processos de compra e transações online. É o caso da Lu, da empresa Magazine Luiza, e da Bia, do Banco Bradesco, que também possuem interfaces conversacionais. As autoras vão mostrar o quanto o sexismo e o machismo seguem produzindo papéis de cuidadoras para o gênero feminino, quando criam IAs batizadas e tratadas como domésticas, secretárias, assistentes, ainda que no campo virtual, reproduzindo as marcas da desigualdade presentes na sociedade.

Em 2006, Leonardo Sartori Porto escreveu um artigo denominado “Investigação Filosófica sobre a Inteligência Artificial”, no qual faz uma série de questionamentos dentre os quais destacavam o argumento da sala Chinesa de Searle, no qual John Searle em 1980 mostra que a implementação de um programa de computador não é por si só suficiente para, por parte dos computadores, comprovar estados mentais genuínos. Porto (2006) prossegue instigando o leitor a pensar na relação entre mente e corpo e como essa relação poderia se estender para a IA, afirmando a tese de que a máquina seria capaz de pensar. Assim, tal qual o experimento de Searle, a empresa chinesa iFlyTek foi capaz de produzir um efeito impactante, quando em 2017, durante uma visita do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, no momento em que discursava para uma plateia em chinês, pôde rapidamente modificar o seu discurso, do inglês para um mandarim impecável (LEE, 2019). O que ocorria ali era o processamento da linguagem natural, como nunca vista, com fones de tradução simultânea que convertiam instantaneamente a fala de Trump do inglês para o mandarim, sem que muitos dos presentes pudessem perceber tais mudanças, tendo em vista as modulações idênticas e marcadas da voz de Trump, revolucionando todo um campo de aplicabilidade da IA ora ocupado apenas pela cognição humana.

Um dos marcos revolucionários da exponencialidade da IA na superação de inteligência humana foi o episódio descrito pela autora Dora Kaufman, considerado o momento Sputnik da China, como um giro

de ganho nunca antes presenciado no duelo ser humano–máquina, pois, até então, o mundo havia visto em 1997 o Deep Blue da IBM derrotar o campeão de xadrez Garry Kasparov (LEE, 2019). Ela comenta:

Na primavera de 2016, um sistema de inteligência artificial chamado AlphaGo, criado pela companhia originalmente inglesa DeepMind, derrotou no hotel Four Seasons em Seul, por 4 a 1, o sul-coreano Lee Sedol, campeão mundial do jogo asiático Go, mais complexo do que o jogo de damas e de xadrez – envolve pedras pretas e brancas sobre um tabuleiro de madeira e inúmeras possibilidades de jogadas. Se no Ocidente a audiência desse torneio foi relativamente baixa, na China, pelo contrário, 280 milhões de pessoas assistiram estupefatas à vitória do AlphaGo: como uma máquina pertencente a uma empresa da Califórnia (Alphabet, controladora do Google) venceu o melhor jogador de um jogo inventado há mais de 2.500 na Ásia (e os americanos nem sequer jogam Go) (KAUFMAN, 2019).

Os marcos históricos que quebram paradigmas são especialmente úteis para romper as fronteiras da criatividade e inventividade para a aplicação das funcionalidades das máquinas no cotidiano. Assim, bem antes do lendário jogo, nossa dependência dos aplicativos de rotas como o Waze já estava consolidada ou mesmo a multifuncionalidade do uso do aplicativo chinês WeChat, que se tornou uma ferramenta usada para basicamente tudo o que a população chinesa necessita em termos de serviços de internet, como conversas de texto, áudio ou chamadas de vídeo; realizar compras e pagamentos; enviar dinheiro para outras pessoas; compartilhar conteúdos entre amigos e familiares; jogar pelo celular; chamar táxis e usar o transporte público; reservar hotéis; e até acessar serviços do governo; agendar consultas médicas etc. chegando a ter cerca de 700 milhões de usuários ativos.

Se por um lado as funcionalidades do WeChat causam espanto se comparadas às do WhatsApp, só para citar um exemplo, imagine a quantidade de funcionalidades que as empresas concorrentes estão pilo-

tando nesse momento. A corrida pela IA é o novo “El dourado” dos tempos atuais, o “garimpo de pedras preciosas”, cuja matéria prima principal é o **dado**, esse sim, desejado e cultuado a todo momento. Não é por acaso que Kai-Fu Lee denomina a época atual como a Era dos Dados. Ocorre que a todo momento estamos imputando dados em algum sistema, desde uma simples curtida em um *post* do Facebook à música que se pede para a Alexa tocar, a câmera que captura seu rosto em uma estação do metrô até pagamentos pelo PIX. Aliás, o Brasil detém um dos cinco sistemas que produzem mais transações em tempo real do mundo, graças às evoluções de IA.

Nesse duelo de gigantes de quem impacta o quê, a China tem metas agressivas de operar em iguais condições de investimentos em IA com os Estados Unidos, pretendendo ultrapassá-lo até 2025. Assim, carros autônomos e drones igualmente autônomos trazendo nossas encomendas já são uma realidade em muitos lugares do mundo. As tecnologias de reconhecimento facial e tradução automática de áudios parece indicar novos rumos e aprofundamentos nos usos de assistentes virtuais, *chatbots* e aplicativos de soluções cotidianas, o que alargará as fronteiras das trocas entre o ser humano e a máquina. O poder da IA para processar grandes quantidades de dados pode acelerar a tomada de decisões nos negócios, na medicina e em outros momentos importantes de nossas vidas, mostrando assim sua capacidade de assumir tarefas e soluções, impactando no modo como nos relacionamos, ajudando nas tarefas domésticas por meio dos dispositivos eletrônicos que facilitam o nosso trabalho. Assim, a IA está presente no entretenimento, desde o momento da escolha de um filme, peça de teatro ou show até a forma como podemos nos relacionar com nosso artista favorito ou mesmo agendar o churrasco do domingo. A IA está presente no modo como fazemos o processo seletivo para um novo emprego, nos auxilia nas novas funções assim que começamos a trabalhar, permite que lidemos de forma mais racional e assertiva com as finanças, possibilita atividades de lazer mais prazerosas na medida em que temos à disposição aplicativos de monitoramento de passos, batimentos cardíacos, medição da pressão arterial,

assim como está presente na moda, com dispositivos de vestimentas, na estética, no acesso aos serviços de saúde e em todas as dimensões que a vida oferece na atualidade.

A questão que se coloca não é quando mas o aqui e agora que se atualiza e se aprimora a cada dia, tampouco a questão é a substituição do ser humano pela máquina, a questão que se coloca é como se dará essa integração nessa relação que já afetou e afeta diariamente nossas vidas. Para contextualizar, descrevo mais algumas situações: em dezembro de 2021, passei por cirurgia, o cirurgião ao interagir com a Alexa pedia-lhe uma série de funções, as quais ela realizava fora do conteúdo do médico, que reagiu de forma desproporcional e raivosa, xingando a IA como se ela fosse uma pessoa; outro exemplo é de um pai que ao ser consultado pelo filho para uma lição de casa sobre qual é a capital do Mato Grosso do Sul foi corrigido pela assistente virtual, que gentilmente informou-lhe a capital correta; outro uso inusitado da IA foi registrado no centro da capital paulista em que um morador de rua divulga um cartaz contendo duas chaves PIX para receber doações.

A Inteligência Artificial como dispositivos de produção dos afetos e cuidados: do chatbot e de avatares de relacionamento afetivo, passando pelos usos na saúde mental, Psicologia e Medicina

Em 2021, um escritor freelancer resolveu utilizar o aplicativo de bate-papo chamado Project December, desenvolvido pelo programador independente Jason Roher, um sistema que possibilita que a pessoa possa criar seu próprio *chatbot* usando a IA GPT-3, especializada em manipular a linguagem humana e gerar textos em inglês fluente. O escritor havia perdido sua noiva em 2012, que faleceu de uma doença hepática, e resolveu então recriar suas interações alimentando o *chatbot* com as mensagens de textos e e-mails que recebia dela quando esta estava viva. Como resultado, a IA reconectou-a com seu noivo, mantendo por semanas suas trocas cotidianas de mensagens, muitas vezes carregadas de

emoção e declarações de amor. A história viralizou e trouxe como consequência para o desenvolvedor uma intervenção da OpenAI, que impediu que a tecnologia ficasse disponível para todos, dado seus dilemas éticos e humanos decorrentes dessa interação com pessoas mortas. No entanto, a tecnologia não pôde parar e, em 2022, novos usos da mesma tecnologia agora recriam vozes e imagens de personagens mortos há anos.

Os dilemas éticos, bioéticos, legais e humanos parecem não breçar o franco desenvolvimento da IA nos diferentes contextos, sobretudo no campo relacional, na produção de afetos e, porque não dizer, nos relacionamentos amorosos. Brian Christian (2013) cita em seu livro o exemplo do dr. Robert Epstein, psicólogo da Universidade da Califórnia, que se inscreveu em 2007 em um serviço de namoro on-line, no qual se correspondia com uma namorada russa chamada Ivana. A ela confiava sobre sua vida, seus sentimentos e sobre seu dia a dia, porém, nas tórridas correspondências amorosas, começou a notar algo esquisito, ao qual veio a descobrir que se tratava de um programa de computador. O mais curioso e com certa ironia do destino é que o referido psicólogo é um dos autores do livro *Parsing the Turing Test*, provando mais uma vez a dificuldade de separar a produção humana da produção desenvolvida pela máquina.

No campo relacional há que se debruçar cada vez mais nas interações íntimas entre o ser humano e as máquinas. Observe que máquinas não se referem aos robôs humanoides que povoavam nossa imaginação dos filmes antigos de ficção científica. Máquinas estão presentes nos *chatbots*, nas IAs diversas, nos dispositivos digitais, *caregivers* e assistentes. Essa não é uma ideia nova, e, conforme salienta Costa (2019, p. 51), a ideia de possuir máquinas assistentes remete à década de 1920, quando começaram a ser desenvolvidas trabalhadoras/operárias (*workers*) com o intuito de ajudar em contextos industriais. O autor segue demonstrando a presença dos robôs como companheiros, assistentes pessoais e especialistas, em um movimento de antropomorfização da máquina, com busca cada vez mais semelhante de traços humanos.

Actualmente, os assistentes digitais pessoais são de uma enorme acessibilidade, estando constantemente presentes e prontos a ajudar a resolver rapidamente qualquer problema, registrando, simultaneamente, os hábitos e preferências dos seus utilizadores, sobrando pouco ou nenhum espaço para a imperfeição. Enquanto que esta necessidade de ajudar a resolver qualquer problema constitui um dos aspectos centrais da inteligência artificial, aquilo que separa as inteligências artificiais actuais dos seus “antepassados” é o seu comportamento sociável e humanizado, complementado pelas suas entidades crescentemente antropomorfizadas (COSTA, 2019, p. 53-54).

No início de 2022, um engenheiro inglês publicou no Twitter que uma namorada virtual ajudou a salvar seu casamento, referindo-se a Sarina, namorada virtual que criou no aplicativo da empresa ReplikaAI, um *bot* alimentado por uma rede neural treinada com um grande conjunto de dados, o que permite que a IA mantenha uma conversa contínua por mensagens de texto com seu usuário, gerando respostas exclusivas automaticamente em tempo real, segundo o portal do Canaltech. O usuário do serviço em questão foi desenvolvendo afeição e trocando confidências com a IA Sarina e com o tempo percebeu que devia tratar sua esposa do mesmo modo como Sarina o tratava, foi, então, desenvolvendo mais empatia e compreensão para com a esposa de quem já havia decidido se separar. Embora pareça um uso inusitado da IA, tal experiência guarda uma correlação empática com as trocas entre os humanos, reservando assim todo um campo da computação afetiva que ganha usos cada vez mais sofisticados.

Para Becker (2016), o termo Computação Afetiva se refere a sistemas e dispositivos de tecnologia projetados para discernir, reconhecer e representar emoções humanas de usuários. Assim, a Computação Afetiva se esforça para ler o estado emocional de um usuário, adicionando um componente qualitativo às interações entre humanos e computadores. Segundo o autor, a Computação Afetiva captura sinais de usuários humanos por meio de câmeras, microfones, sensores, expres-

sões faciais, tom de voz, gestos e outros componentes que indicam o estado emocional das pessoas. Fröhlich e Soares (2018) argumentam que essa interação pode ser dada a partir de um fluxograma de diálogos, em que o robô identifica as respostas do cliente para tomar as decisões já estruturadas dentro de um *workflow*. As respostas e a interação dependem da maneira como o fluxograma é criado, que é alimentado por um banco de dados robusto.

Esse campo promissor estreita ainda mais o relacionamento ser humano-máquina, hajam vistos os avanços no processamento da linguagem natural. Os sistemas orientados por IA são capazes não apenas de reconhecer palavras, mas entender como elas são usadas gramaticalmente e como os significados podem mudar em diferentes contextos, conseguem aprender, pensar e tomar decisões de forma inteligente, a partir de sua programação, usando os sistemas de busca do Google, que respondem às mais diversas dúvidas diárias, como fazer uma determinada receita de bolo, até campos cognitivos mais avançados que perpassam o campo afetivo, conforme os exemplos citados anteriormente.

Os dilemas humanos permanecem e complexificam no chamado mundo BANI (*Brittle, Anxious, Nonlinear and Incomprehensible* – Frágil, Ansioso, Não-linear e Incompreensível), na concepção de Cascio (2021). Nesse cenário de fragilidade e cobranças, as pessoas têm procurado tecnologias diversas para promover melhor qualidade de vida, na busca pela saúde mental e dispositivos tecnológicos de cuidados médicos e psicológicos. Durante o isolamento social devido à pandemia da Covid-19, multiplicaram aplicativos de meditação e gerenciamento de estresse, como o MindShift CBT, cujo objetivo é ofertar autoajuda para alívio da ansiedade e redução da preocupação, do estresse e do pânico. Outros aplicativos que ganharam adeptos foram Calm, cingulo, happify, E-Moods, Rootd. Cada um com diferentes finalidades, como monitorar a saúde mental e gerenciar estresse e ansiedade com base em dados que o usuário imputa diariamente no aplicativo.

A Lei nº 13.989, de 15 de abril de 2020, que autoriza o uso da telemedicina durante a crise causada pelo SARS-CoV2, em caráter emergen-

cial, acelerou a oferta de serviços de saúde mental, como psicólogos, psiquiatras e outros profissionais da saúde em geral que passaram a poder ofertar as teleconsultas em um momento em que o país necessitava de acesso à saúde e a pandemia dificultava tal acesso. Com isso, os usos da IA para a Medicina, a Psicologia e serviços complementares de saúde e bem-estar começaram a se popularizar.

De acordo com o site da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, a telemedicina ajuda no acompanhamento de pacientes, no intercâmbio de informações clínicas importantes, na interpretação de resultados de exames, estendendo suas aplicações para campos como: medicina de precisão, robótica médica e o uso da IA, ajudando a ter dados mais seguros e com maior rapidez. Para Gruson (2021), o campo da medicina de laboratório integra cada vez mais inovações tecnológicas que facilitam as decisões clínicas, trabalham com preditivos para diagnosticar precocemente as doenças e com isso trazem mais segurança para o paciente e para o médico. O grande volume de dados eletrônicos proveniente dos prontuários dos pacientes está gerando expectativas enormes no campo de *big data* e IA.

De acordo com a *MIT Technology Review*, em artigo publicado em janeiro de 2022, a empresa americana Lyssn está desenvolvendo tecnologia para treinar a IA em transcrições de sessões de terapia, usando modelos de NLP para processar as informações e transformá-las em modelos preditivos de intervenção do terapeuta, auxiliando-o a precisar o diagnóstico e no tratamento de cada pessoa em singular. O objetivo da IA é melhorar o cuidado humano, não o substituir. A falta de cuidados de saúde mental de qualidade não será resolvida por soluções rápidas de curto prazo. Enfrentar esse problema também exigirá reduzir o estigma em torno do assunto, aumentar o financiamento e melhorar a educação, destaca a publicação. Dessa forma os aplicativos de autocuidado e meditação autoguiada de modo algum substituem os cuidados de um profissional da saúde mental, apenas ofertam uma gama de informações e dados processados que melhor podem guiar o terapeuta para que este seja mais assertivo com o tratamento do paciente.

Conclusões

A cognição humana está sendo beneficiada com o uso da IA, permitindo que o conhecimento humano, suas emoções, pensamentos e linguagem sofram impactos decorrentes do estreitamento relacional entre o ser humano e a máquina. As influências cognitivas e emocionais afetam a forma como o ser humano aprende, trabalha, se relaciona com outros humanos e, sobretudo, estabelece relações com as máquinas. Nesse percurso, são inúmeros os desafios. Uma vez superada a fase da euforia com os usos da IA, sente-se a necessidade de atentar-se à percepção de risco gerado por esse relacionamento, o que indica a necessidade de mecanismos de observação e regulação por parte das autoridades constituídas.

Considera-se que estamos imersos no futuro e isso requer um exercício futurístico enquanto se tem o pé no presente. Tal abstração implica na necessidade de ampliar os estudos na conexão e intimidade entre o ser humano e a máquina, sobretudo nos desdobramentos e problemas que surgirão a partir daí. Não se trata de querer brechar a inovação e o desenvolvimento cada vez mais acelerado da IA, trata-se de compreendê-la, tratando em tempo real das “rebarbas” e questões complexas que estão no bojo desse relacionamento. Por adentrar ao universo íntimo, a máquina passa a ganhar cada vez mais características antropomórficas que permitem um grau de hibridismo, em certo sentido relacionando-se com a dimensão do desejo, afeto, amizade e amor, despertando emoções e estreitando laços de sentimentos que requerem estudos e análises, objetivando compreender as nuances que isso causa no psiquismo das pessoas. Não se trata tão somente de alterações no campo comportamental e na formação de hábitos e atitudes. Essa interação vai muito além e se conecta com questões profundas e filosóficas sobre o que é o humano, qual sua condição na faculdade do pensar, sentir e agir, como tange o seu campo da consciência e, sobretudo, o que o humano espera da máquina. Quais são os níveis de pensamento, emoção e sentimento que se espera que ela desenvolva? Quais níveis de intimidade e conexão se espera com ela ter?

São muitas as questões e os desdobramentos que o presente artigo não se propõe a responder. Antes, pretendemos lançar temas para que outros pesquisadores possam se debruçar. A publicação de pesquisas sobre usos da IA no cotidiano vem aumentando significativamente, sobretudo as publicadas na língua inglesa, fornecendo subsídios para o mercado, a academia, a sociedade e governos de modo a auxiliar no processo de entendimento dos fenômenos que emergem da presença da IA na vida prática.

Assim como crescem as preocupações com a intimidade entre o ser humano e a máquina, enfatizando os riscos que as pessoas estão submetidas nessa relação, têm surgido movimentos em defesa da não escravidão dos robôs, ampliando a proteção e os direitos da máquina, mas também da responsabilização da máquina em casos de práticas delituosas. Nesse sentido, em 2018, o Parlamento Europeu criou a Comissão “Inteligência Artificial para a Europa”, seguida da comunicação “Plano Coordenado para a Inteligência Artificial”. Como marco histórico, em 2016, o Parlamento Europeu produziu relatório com recomendações à Comissão sobre disposições de Direito Civil sobre Robótica (MORENO, 2021), inaugurando todo um campo de conhecimento e atuação no âmbito do Direito.

Referências Bibliográficas

AGRAWAL, Ajay; GANS, Joshua; GOLDFARB, Avi. **Máquinas Preditivas: a simples economia da inteligência artificial**. Alta Books, 2020.

BECKER, Samantha. 7 Things You Should Know About Affective Computing. EduCause, 2016. Disponível em: <https://library.educause.edu/resources/2016/8/7-things-you-should-know-about-affective-computing>. Acesso em: 27 mai. 2021.

BRASIL. LEI Nº 13.989, DE 15 DE ABRIL DE 2020. Dispõe sobre o uso da telemedicina durante a crise causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2). Brasília, DF (2022). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13989.htm#:~:text=1%C2%BA%20Esta%20Lei%20autoriza%20o,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico.

BRAVO, Álvaro Avelino Sánchez. Marco Europeo para una inteligencia artificial basada en las personas: European framework for people-based artificial intelligence. **International Journal of Digital Law**, v. 1, n. 1, p. 65-77, 2020.

CASCIO, Jamais. A educação em um mundo cada vez mais caótico. **Boletim Técnico do Senac**, v. 47, n. 1, p. 101-105, 2021.

CHRISTIAN, Brian. **O humano mais humano: o que a inteligência artificial nos ensina sobre a vida**. Editora Companhia das Letras, 2013.

COSTA, Pedro Carvalho Ferreira da. **Conversations with ELIZA: sobre género e inteligência artificial**. 2019. Tese de Doutorado.

FRÖHLICH, Luís Fernando Guimarães; SOARES, Valéria Deluca. Robotização nos relacionamentos: um estudo sobre o uso de *chatbots*. **Fólio-Revista Científica Digital-Jornalismo, Publicidade e Turismo**, n. 2, p. 5-17, 2018.

GRUSON, Damien. Big Data, inteligencia artificial y medicina de laboratorio: la hora de la integración. **Advances in Laboratory Medicine/Avances en Medicina de Laboratorio**, v. 2, n. 1, p. 5-7, 2021.

HALBERSTAM, Judith. 1991. Automating Gender: Postmodern Feminism in the Age of the Intelligent Machine. **Feminist Studies**, 17 (3):439-460.

KAUFMAN, Dora. **A inteligência artificial irá suplantar a inteligência humana?**. ESTAÇÃO DAS LETRAS E CORES EDI, 2019.

MACHADO, Alana Maisa; SCHERER, Fernanda Serrer. Inteligência artificial e a dependência humana. **Salão do Conhecimento**, v. 6, n. 6, 2020.

MORENO, Guillermo Palao. A União Europeia dá seus primeiros passos na regulamentação da relação entre inteligência artificial e propriedade intelectual. **Revista Rede de Direito Digital, Intelectual & Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 45-68, 2021.

PORTO, Leonardo Sartori. Uma investigação filosófica sobre a Inteligência Artificial. **Informática na educação: teoria e prática**. Porto Alegre. Vol. 9, n. 1 (jan./jun. 2006), p. 11-26, 2006.

SANTOS, Luiza Carolina dos; POLIANOV, Beatriz. O que têm em comum Alexa, Siri, Lu e Bia? Assistentes digitais, sexismo e rupturas de performances de género. **Galáxia (São Paulo)**, 2021.

SILVA, Bruna Coutinho; VELIQ, Fabiano. Figuras pós-humanas e inteligência artificial: uma reflexão a partir de *Black Mirror*. **Ação Midiática–Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 22, p. 243-265, 2021.

TORRES, Alexandre Cesar Oliveira; DA SILVA, Fábio Ronaldo. **My Computer Likes Me**: uma análise sobre relacionamento Homem vs. Máquina no filme *Her*. Intercom

– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – São Luís – MA – 30/05/2019 a 01/06/2019.

ZHANG, Daniel *et al.* The AI Index 2021 Annual Report. **arXiv preprint arXiv:2103.06312**, 2021.

<https://www.wired.com/story/andy-warhol-diaries-artificial-intelligence-voice/>

<https://olhardigital.com.br/2021/09/19/seguranca/empresa-desliga-chatbot-homem-simular-conversas-noiva-morta/>

<https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/homem-diz-que-namorada-virtual-ajudou-a-salvar-seu-casamento-211597/>

<https://fcmsantacasp.edu.br/blog/tecnologias-na-medicina-que-vao-impactar-a-area-em-2022/>

<https://mittechreview.com.br/terapeutas-podem-usar-inteligencia-artificial-ia-para-melhorar-os-resultados-das-terapias/>

Myrt Thânia de Souza Cruz · Psicóloga Clínica e Organizacional, Mestre em Psicologia Social e Doutora em Ciências Sociais: Antropologia, pela PUC/SP. Diretora Adjunta da FEA – PUC/SP. Professora Assistente Doutora da Área de Gestão de Pessoas do Departamento de Administração – FEA – PUC/SP, desenvolve pesquisa, palestras, ensino e extensão nas temáticas ligadas ao mundo do trabalho, em especial na saúde do trabalhador, *burnout*, psicodinâmica do trabalho, e temáticas ligadas aos impactos da inteligência artificial na gestão de pessoas; relacionamento ser humano-máquina e impactos da inteligência artificial na saúde mental. Profissional da área de Recursos Humanos, autora de livros e artigos sobre as temáticas acima mencionadas.